

CONTEXTO PASTORAL

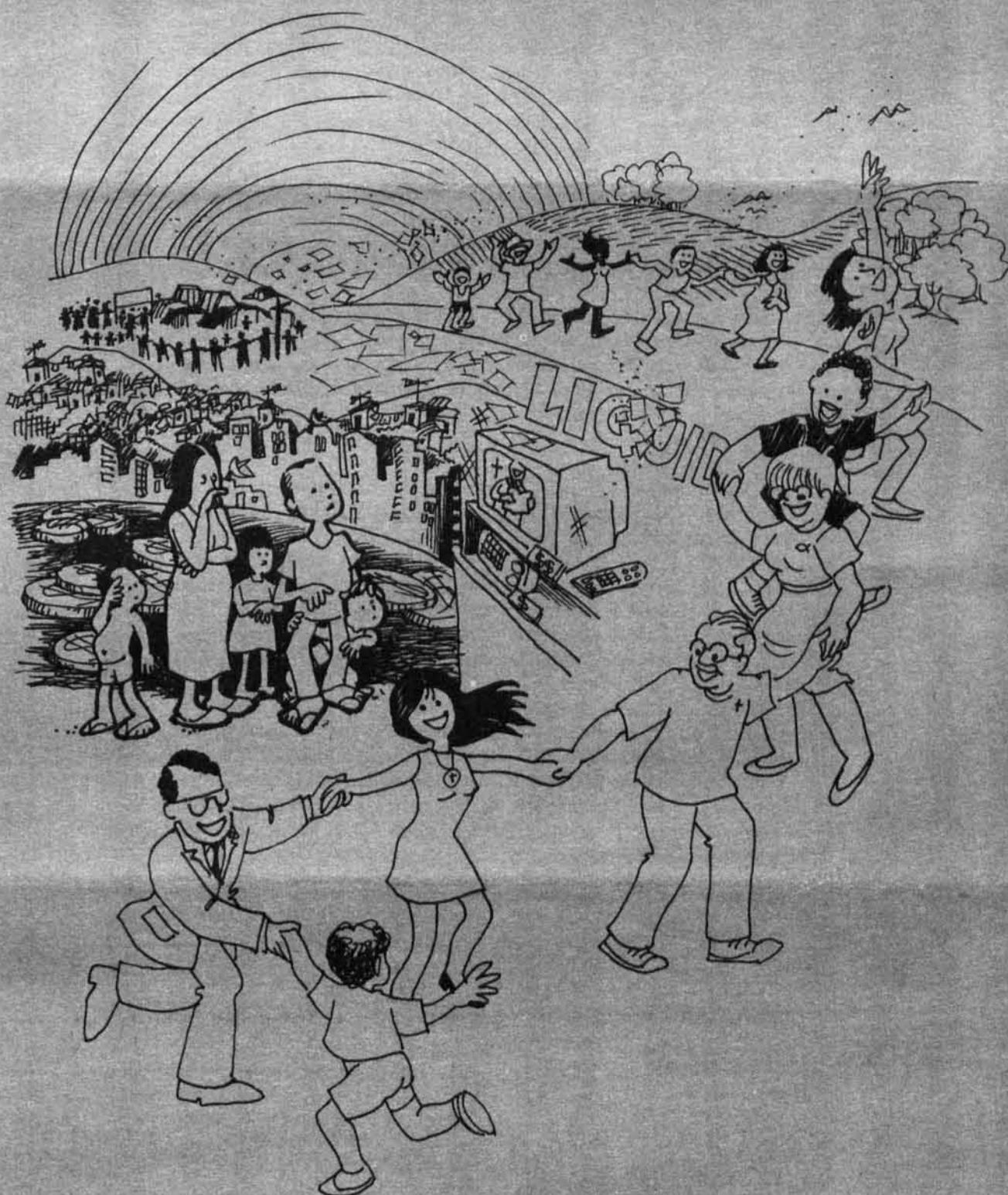
ANO VI ■ JANEIRO/FEVEREIRO DE 1996 ■ Nº 30 ■ MAR 1996

Surgimento de novos movimentos religiosos, "guerra santa", aumento da exclusão e da miséria, fortalecimento das Comunidades Eclesiais de Base, valorização da religiosidade popular, inovações litúrgicas — shows em vez de cultos, busca da identidade evangélica. Esses são alguns dos aspectos que têm marcado a vida dos cristãos e desafiado as igrejas nesta primeira metade da década de 1990. Avanço, retrocesso ou estagnação?

CONTEXTO PASTORAL aborda o tema, fazendo um balanço da pastoral e refletindo sobre novas demandas e tarefas para os cristãos. **ANÁLISE** — Páginas 5 a 8

Nem o Bispo nem o "Deus"

Numa agradável crônica, o pastor presbiteriano e musicista Carlos Alberto Rodrigues Alves opina sobre a guerra nada santa entre o bispo Macedo (Igreja Universal do Reino de Deus) e a Rede Globo. **OPINIÃO** — Página 12



PARA ONDE VAI A PASTORAL?

Caminhos e descaminhos da pastoral

Já se foi metade de uma década e se aproxima o terceiro milênio. Nesses cinco anos, não foram poucos os aspectos que marcaram a vida econômica, política, social, cultural e científica de uma forma global

Mas, e o campo religioso, como se encontra nessa metade de década? E a pastoral, que fatos têm ocorrido e quais desafios se colocam diante dos cristãos? No contexto mais amplo, a busca pelo sagrado e o "reencantamento" do mundo são elementos que determinam e explicam o crescimento dos novos movimentos religiosos.

No campo evangélico e neopentecostal, o fenômeno do movimento carismático toma formas e cores cada vez mais fortes, que incluem práticas às vezes bastante estranhas entre algumas igrejas. Nas inovações litúrgicas, se há uma mudança de direção — em vez de cultos, são shows —, há o incentivo à participação mais efetiva da comunidade. Paralelamente, grupos, geralmente mais progressistas e libertários, buscam atuar na direção de um Evangelho mais encarnado por meio da pregação do Reino de Deus e da solidariedade e da participação em projetos de melhoria das condições das populações mais desassistidas.

No campo católico, percebe-se, de um lado, o fenômeno dos movimentos carismáticos, com uma atuação mais devocional e espiritualista; de outro, a força das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que procuram, mesmo diante de conflitos e redimensionamento da sua forma de ser, uma espiritualidade encarnada baseada no testemunho concreto da presença de Deus no mundo.

Nessa direção, CONTEXTO PASTORAL oferece aos leitores uma reflexão sobre o atual momento por que passa a pastoral e faz algumas conjecturas a respeito das tarefas e demandas que se colocam aos cristãos. Longe de esgotar o assunto, é apenas um incentivo para uma reflexão mais aprofundada do tema.

Após cinco anos de um trabalho conjunto entre o Programa de Assessoria à Pastoral do CEDI (agora KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço) e o Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais (Cebep), o jornal CONTEXTO PASTORAL passa, a partir deste ano, a ser editado por KOINONIA. Foi um período marcado por troca de experiências e por grande esforço no sentido de levar aos leitores informações relevantes sobre o mundo ecumênico e sobre as igrejas, além de reflexões sobre a pastoral que chamam os cristãos a um compromisso efetivo com as forças da Vida. A parceria KOINONIA-Cebep certamente foi de grande valia para as duas entidades no sentido de estreitar laços ecumênicos fraternos.

A mudança, todavia, não vai trazer nenhuma quebra de continuidade no que se refere ao conteúdo e à linha editorial da publicação. Mais ainda, estão sendo estudadas algumas alternativas de expansão do jornal e de sua melhoria gráfico-editorial para que o espaço que CONTEXTO PASTORAL conseguiu conquistar ao longo desse período seja ocupado de forma cada vez mais eficaz e participativa.

CONTEXTO PASTORAL

Publicação bimestral de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço (Rua Santo Amaro, 129 - 22211-230, Rio de Janeiro/RJ. Tel. 021-224-6713 e fax 021-221-3016)

Conselho editorial
José Bittencourt Filho
Lúcia Leiga de Oliveira
Tânia Mara Sampaio
Rafael Soares de Oliveira
Editor
Paulo Roberto Salles Garcia
(MTb 18.481)

Editores assistentes
Beatriz Araujo Martins
Jether Pereira Ramalho
Editora de arte e diagramadora
Anita Slade

Redator
Carlos Cunha

Secretaria de redação
Beatriz Araujo Martins

Fotolito e impressão
Tipográfica Comunicação Integrada

Tiragem
10 mil exemplares

Preço do exemplar avulso
R\$ 2,40

Assinatura anual
R\$ 12,00

Assinatura de apoio
R\$ 18,00

Exterior
US\$ 18,00

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal.

Fique por dentro do CONTEXTO PASTORAL

Um jornal-painel a serviço da pastoral e dos cristãos pela paz e justiça. Reportagens, análises, estudos bíblicos, entrevistas e muito mais para você ficar por dentro do contexto. Uma publicação de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço.

Assinatura anual: R\$ 12,00

Assinatura de apoio: R\$ 18,00

Exterior: US\$ 18,00

Número avulso: R\$ 2,40

Os pedidos de assinatura, acompanhados com cheque nominal para KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, devem ser enviados para: Jornal Contexto Pastoral - Rua Santo Amaro, 129, Glória, 22211-230, Rio de Janeiro/RJ.

CARTAS

Escreva para CONTEXTO PASTORAL — Rua Santo Amaro, 129, Glória, 22211-230, Rio de Janeiro, RJ.

Prezado senhor editor,

É com profunda gratidão a Deus que faço uso desta para parabenizar o pastor Carlos A. Rodrigues pelo oportuníssimo artigo publicado neste importante periódico sob o título "Um cântico-novo-ma-non-tropp", edição de maio/junho, página 8.

Verdadeiramente causa-nos profundo "alívio" saber que apesar das crescentes e cada vez mais envolventes "ondas musicais" que têm surgido, como o citado pastor tão acertadamente relatou, ainda existem homens de Deus comprometidos com a Sua glória e honra acima de tudo e que ainda estão dispostos apesar do preço a ser pago, a levantarem bem alto a bandeira do verdadeiro cristianismo, histórico, bíblico, teologicamente coerente, em todas as áreas, inclusive na música.

Sou pastor (IPI do Brasil), amante da boa música, aberto às discussões, atento às novas manifestações de Deus, convicto de que Deus tem muito a nos dizer (inclusive pela instrumentalidade da música), porém zeloso aos princípios inofensáveis da revelação de Deus a nós.

Atenciosamente,
Elias Nunes Pereira
Ponta Porá/MS

Aos editores,

Agradeço-lhes os números — cortesia — de CONTEXTO PASTORAL e DEBATE que vocês tiveram a gentileza de me enviar. Gostei: sou integrante de um fórum ecumênico em Juiz de Fora e essas folhas fornecem boas informações sobre o contexto do ecumenismo em geral. (...)

No editorial de CONTEXTO PASTORAL (setembro/outubro) vocês falaram das formas simbólicas e potenciais de violência incrustadas no conservantismo religioso. Você não acham que essas mesmas forças se incrustam também no progressismo religioso? Acho que, para uma completa informação dos leitores, seria de utilidade encomendar a dois conservadores, protestante e católico, tentando dar a entender os seus respectivos progressismos. (...)

Com toda estima, em Cristo Jesus,
Marcos Frota, svd
Juiz de Fora/MG

Ao CONTEXTO PASTORAL,

Saudações! Desejo continuar recebendo o jornal CONTEXTO PASTORAL. Por isso venho dar o meu apoio fazendo minha assinatura anual de apoio, e junto com os meus votos de um feliz ano novo o meu agradecimento.

Parabéns pelo bem que fazem através do jornal e que continuem essa bela caminhada.

Raphaela Porto
Itararé/SP

Influência de Lutero na teologia latino-americana

Walter Altmann

A 18 de fevereiro deste ano celebraram-se os 450 anos da morte do reformador Martim Lutero. Mais importante do que mera comemoração é o refletir sobre sua importância para nosso contexto.

É evidente a influência de Lutero no cenário eclesiástico. Há as igrejas luteranas freqüentemente provenientes do fluxo imigratório, como é o caso particularmente no Brasil. Essas igrejas guardam a lembrança de Lutero ao se intitularem de luteranas – por contingência histórica mas contra a própria vontade expressa do reformador, diga-se de passagem. Mas o protestantismo em geral, também de outros denominações – e mesmo o pentecostalismo, em larga medida – reconhece, de um modo geral, a obra e a redescoberta evangélica de Lutero em sua própria origem histórica. São patrimônio comum, por exemplo, conceitos como “justificação pela fé e pela graça de Deus” (em contraposição a uma salvação por mérito humano), “somente pela Escritura” (em antagonismo ao conhecimento advindo de tradições humanas) e “sacerdócio universal dos crentes” (caracterizando o acesso a Deus sem a intermediação da hierarquia eclesiástica).

Mas qual seria a influência de Lutero no pensamento teológico latino-americano, em particular na renovação que levou a uma teologia da libertação?

Seria obviamente simplista tentar estabelecer uma identificação básica entre a teologia de Lutero e a teologia latino-americana da libertação. Passaram-se cinco séculos, a estrutura social e o contexto histórico são outros. Mas seria expressão de grave ignorância declará-las como totalmente incompatíveis entre si. Antes, a relação entre elas deve ser vista num sentido dialético, com um amplo leque de convergências, embora também com algumas dissonâncias significativas. Nesse sentido, podemos então detectar o que poderia ser chamado de uma influência remota da teologia latino-americana.

Em primeiro lugar, relembraremos que o próprio Vaticano II, que influenciou a renovação do catolicismo e da teologia latino-americana, acolheu conceitos que remontam claramente, em parte pelo menos, a Lutero: a definição da Igreja como povo de Deus, a renovação litúrgica com a nova ênfase na pregação e a adoção do vernáculo, a descrição das Escrituras como Palavra de Deus e como instância normativa.

Ademais, podem ser encontradas em teólogos latino-americanos referências e discussões freqüentes de conceitos tipicamente luteranos, como “somente a Escritura”, “simultaneamente justo e pecador” e “sacerdócio universal”.

Analogias e semelhanças

A seguir, devemos registrar uma série de analogias evidentes. Todas as análises eclesiásticas da Teologia da Libertação enfatizam as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), assim como a Reforma teve uma de suas colunas mestras no estabelecimento de congregações locais. Ademais, assim como na Reforma de Lutero, podemos encontrar também em nosso continente um impressionante reencontro com as Escrituras. A releitura da Bíblia, efetuada pelas camadas populares tornou-se sabidamente um amplo movimento nas comunidades de base latino-americanas, contando com o forte apoio de biblistas e de agentes pastorais.

Uma analogia adicional é encontrada quando consideramos que Lutero não apenas adotou um estilo colloquial em sua pregação, mas também procurou claramente uma linguagem tomada da realidade do povo, em sua tradução da Bíblia. Ele queria captar a língua do povo, a fala das crianças nas ruas, dos homens

nos mercados e das mulheres em casa... Na teologia da América Latina usam-se termos como “colocar a Bíblia nas mãos do povo”, de modo que possam “fazê-la sua”. Tudo isso é igualmente entendido, de ambos os lados, como uma expressão viva do sacerdócio universal do povo de Deus.

Depois das analogias evidentes, devemos prestar atenção para algumas semelhanças notáveis, embora as possíveis influências sejam menos claras. Por exemplo, não é mais suficientemente conhecido que, em seu Catecismo Maior, Lutero, ao explanar o primeiro mandamento, contrapos “Deus” e os “ídolos”. Este é precisamente o antagonismo fundamental adotado por teólogos latino-americanos quando falam acerca de Deus em nossa realidade, denunciando a lógica perversa das políticas econômicas neoliberais. Não se

pode deixar de mencionar, neste contexto, o paralelo impressionante de que Lutero identificada Mamon, ou seja, as riquezas (o capital) como “o ídolo mais freqüentes na terra”.

Outra semelhança é descoberta quando consideramos que a teologia de Lutero é fundamentalmente uma teologia centrada na cruz de Cristo. Embora a teologia latino-americana tenha assumido a perspectiva da cruz apenas ao longo do caminho, ela pode ser encontrada na espiritualidade quando o povo percebe em meio às suas precárias condições de vida a presença solitária e salvífica de Cristo. Ademais, a cruz também é vista como fonte confortadora de perseverança da fé em face das injustiças externas e das aflições internas no processo de libertação.

Finalmente, lembremo-nos com quanta insistência Lutero advogou em favor da libertação do âmbito secular de qualquer espécie de tutela eclesiástica, bem como pelo fim dos privilégios materiais da instituição-Igreja. De sua parte, a teologia latino-americana afastou-se radicalmente do modelo de cristandade,

com sua viciosa aliança de trono e altar, Igreja e Estado. Esse modelo foi submetido a uma análise histórica rigorosa, tendo sido advogado seu fim, em favor de uma relação dialética de influências e críticas mútuas entre Igreja e Sociedade.

Algumas dissonâncias

No entanto, também será necessário observar as dissonâncias entre Lutero e a teologia da libertação. Em primeiro lugar, em relação às fronteiras da Igreja, a teologia de Lutero descreveu a Igreja como a comunidade sob a palavra de Deus, enquanto a Teologia da Libertação tem a propensão de alargar as fronteiras da Igreja contando com a presença de Deus, de Jesus Cristo e do Espírito Santo entre pessoas, povos e culturas não-cristãos. Deve-se ter em conta, porém, que para Lutero a questão da relação entre cristãos e não-cristãos não se colocava em sua experiência. Ele vivia numa época em que todas as pessoas do mundo a seu alcance se diziam cristãs, de modo que se viu compelido a enfatizar quem seria “ver-

dadeiramente” cristão, a saber, quem segue a palavra de Deus.

Um ponto vital relaciona-se com o conceito de história. A teologia latino-americana tem enfatizado a existência de “uma só história” e que o processo de libertação se desenvolve no interior dessa única história. Assim, a história humana adquire um caráter salvífico. Já para a teologia luterana tem sido essencial preservar a distinção entre ação humana e ação salvífica de Deus, mantendo assim permanentemente em relação a todo empreendimento na história o que tem sido chamado de uma “reserva escatológica” ou um “espírito protestante” (Paul Tillich). Contudo, é importante observar que a teologia latino-americana de modo algum pretendeu sacralizar a realidade histórica presente. O conceito de “uma só história” desenvolveu-se como uma crítica ao supranaturalismo que evadia da realidade presente, mas não invalida uma dialética escatológica possível e necessária entre o presente a ser superado e o futuro inovador de Deus.

Inversamente, a “reserva escatológica” luterana seria absurda nitidamente se se derivasse dela (como infelizmente tem sido feito) um desprezo pelo compromisso ético da comunidade cristã. Ao contrário, Lutero atuou intensamente em todas as áreas, também sociais e políticas, com a sua convicção evangélica (às vezes até se equivocando gravemente, mas nunca por omisão). Chegou até mesmo a tomar uma surpreendente liberdade na tradução da Bíblia, fazendo uma releitura de uma passagem dada a partir da compreensão global da Escritura. Vejamos a passagem 1 Coríntios 7.21. A Bíblia de Jerusalém diz: “Eras escravo quando foste chamado? Não te preocipes com isto. Ao contrário, ainda que te pudesses tornar livre, procura antes tirar proveito da tua condição de escravo.” Foi Lutero quem traduziu como também lemos na versão de Almeida: “Foste chamado sendo escravo? Não te preocipes com isso; mas, se ainda podes tornar-te livre, aproveita a oportunidade.” Ele estava convicto, ademais, que a fé em Cristo levava necessária e inevitavelmente a obras de amor ao próximo. Essas perspectivas aproximam, pois, outra vez a teologia de Lutero e a teologia latino-americana da Libertação.

Walter Altmann é presidente do Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI) e professor do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia (São Leopoldo/RS).

Igreja Universal quer eleger 200 vereadores

Não é mais segredo para ninguém: o projeto evangélico da Igreja Universal do Reino de Deus passa pela ampliação de sua atuação no terreno político. A possibilidade de lançar a candidatura do bispo Edir Macedo à Presidência da República, revelada pelo pastor dissidente Carlos Magno, é apenas um dos pontos do projeto político da Universal. O ano eleitoral de 1996 promete ser dos mais agitados para a igreja do bispo Macedo: ela pretende eleger 200 vereadores em todo o país.

O bispo Carlos Rodrigues, responsável pela área política da Universal, já declarou que a igreja pretende lançar cerca de 500 candidatos a vereador nas eleições de 96. O objetivo, segundo ele, é ter representantes evangélicos em massa nas Câmaras de Vereadores para propor e aprovar projetos que beneficiem a expansão evangélica no país. Outro bispo, Ronaldo Didini, confirmou o projeto: "No ano 2000 seremos maioria evangélica no país. Já em 1996, teremos vários vereadores e, em 1998, teremos um Congresso com pessoas cristãs e probas", disse Didini.

No Congresso Nacional, a maior parte dos projetos apresentados pelos seis deputados eleitos pela IURD segue os interesses de Edir Macedo, entre eles a restrição a ações de despejo em prédios ocupados por templos. A legislação de tele-

comunicação é outro assunto que interessa aos deputados eleitos pela Igreja Universal, que controla a Rede Record. (JB, 31/12/95)

Curso de Verão discute exclusão social

Sob o tema "Trabalho: crise e alternativas" cerca de oitocentas pessoas, entre participantes e assessores, se reuniram em São Paulo de 15 a 27 de janeiro. Foi o Curso de Verão, iniciativa do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (Cesep).

Em sua nona edição, o Curso levou diversos especialistas para discutir a situação do trabalho e exclusão social. Para o presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Vicente Paulo da Silva, Vicentinho, a introdução de novas tecnologias e a acirrada concorrência internacional criaram novas formas de exploração e o desemprego estrutural e irreversível. O teólogo Jung Mo Sung, que refletiu a partir da relação entre economia e teologia, mostrou como o mercado tornou-se de fato um deus, um ídolo, ao qual tudo deve ser sacrificado. A socióloga Heloisa Martins, por sua vez, abordou a superexploração do trabalho feminino, o aprofundamento das desigualdades, o aviltamento da mão-de-obra infantil, a automação e as novas tecnologias.

Para o presidente do Cesep, Jether Ramalho, o 9º Curso reforçou a sua característica ecu-

Encontro aprofunda tema do 9º Intereclesial

Com o objetivo de preparar o Novo Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e de aprofundar o tema "CEBs: Vida e esperança nas massas", representantes de comunidades vindos de todas as regiões do País estiveram reunidos em Goiânia (31/1 a 6/2). O encontro contou ainda com a presença dos bispos d. Luís Fernandes (Campina Grande/PB), d. Pedro Casaldáliga (São Félix do Araguaia/MT), dom Xavier Gilles (São Luís do Maranhão/MA), Celso Pereira (Itumbiara/GO); dos irmãos evangélicos Jether Ramalho (Igreja Congregacional), Claudio Ribeiro (Igreja Metodista), José Bittencourt Filho (Igreja Presbiteriana Unida), Elias Vergara (Igreja Episcopal de Comunhão Anglicana), Marcos Becket (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil); e do índio kaigang Augusto Silva (reserva de Iraí/RS).

Para a Comissão Ampliada Nacional que prepara o encontro, a reunião serviu "para



reavivar a esperança na realização do Reino" e para reforçar a solidariedade com as massas. As CEBs estão cada vez mais próximas de incluir, em São Luís do Maranhão, no mês de julho de 1997, o novo "vagão" de sua trajetória.

Realidade de exclusão desafia as CEBs

A identificação da nova realidade de exclusão socioeconômica, de cunho neoliberal, de massas consideráveis da população, é o novo desafio das CEBs no relacionamento Fé-Vida (fé-economia, fé-política) para a realização de sua missão libertadora. Essa é

mênica "e foi marcado pela dramática situação de exclusão e de desemprego que assola grandes setores do povo brasileiro". Segundo ele, a metodologia adotada no encontro permitiu expressões "maravilhosas" de criatividade popular no campo do teatro, da mímica,

do desenho, da escultura, da liturgia e de outras formas de comunicação. "Os cursos têm se constituído em espaço de formação e de reciclagem, e de renovação de esperança e do fortalecimento na luta por uma sociedade melhor", concluiu.

Curso de Ecumenismo tem segunda etapa

Oferecer espaço de partilha, análise e aprofundamento da experiência ecumênica, aprofundar as bases bíblicas e espirituais do ecumenismo e possibilitar o conhecimento e o diálogo entre participantes de diferentes igrejas cristãs. Esses são alguns dos objetivos do Curso de Ecumenismo, cuja segunda fase vai de 10 a 22 de junho em São Paulo. A iniciativa é do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (Cesep), promovida pelo Movimento de Fraternidade das Igrejas Cristãs (Mofic), Conselho Latino-

Americano de Igrejas (Clai) e Koinonia Presença Ecumênica e Serviço, com o apoio do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic).

"O movimento ecumênico leva consigo, desde suas raízes, a paixão pela unidade, que se traduz na criação de formas de convivência fraterna entre as pessoas, não importando posição social, gênero, cultura e características étnicas", destacaram os organizadores do evento. Na opinião deles, o curso faz parte dos esforços de igrejas e organismos ecumênicos na "busca da unidade entre os cristãos e no serviço maior em prol dos direitos humanos, particularmente dos excluídos e em favor da justiça, da paz e da integridade da criação".

As inscrições vão até 31 de março e as vagas são limitadas. Para maiores informações: Cesep — Rua Prof. Sebastião Soares de Faria, 57, 6º andar, São Paulo, 01317-010, tel: (011) 284-6299 e fax: (011) 284-6220.

LITURGIA PERDE UM DE SEUS MAIORES DEFENSORES

Faleceu no dia 20 de dezembro Ernesto Barros Cardoso. O projeto de renovação litúrgica no Brasil e na América Latina sofreu grande baixa, já que ele era um dos mais aguerridos incentivadores e



divulgadores. Ele exercia o cargo de coordenador da Rede Latino-Americana de Liturgia do Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai), projeto com diversas atividades e programações, como "Espaço aberto", realizado em algumas igrejas do Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo.

Na edição de março/abril do ano passado de CONTEXTO PASTORAL, Ernesto chamou a atenção para o cuidado e o zelo que se deve ter com a liturgia nas comunidades religiosas e a importância de se abrir espaço para sua discussão.

são e prática. "Por mais que a situação atual se caracterize por uma multiplicidade de expressões ou variações sobre um mesmo tema, devemos reconhecer que é nessa experiência que podemos elaborar propostas, aproveitar pontos positivos, ajudar a avaliá-los, apontar caminhos e buscar uma renovação na ação pastoral", disse em entrevista coletiva. Toda a programação do novo plano trienal do Clai, que mantém o projeto da Rede de Liturgia, em que a liturgia tem espaço privilegiado, tem a marca de Ernesto Cardoso.



Pastoral e identidade evangélica

José Bittencourt Filho

O Cristianismo tem freqüentemente obtido aparente sucesso ao ignorar os preceitos de seu fundador. Como instituição interessada em autopreservar-se e em ganhar poder, a Igreja tem às vezes achado a mensagem da cruz tão imprópria quanto a têm achado grupos nacionais e econômicos. [H. Richard Niebuhr]

Da Pastoral

O vocábulo “Pastoral” referindo-se à prática dos cristãos na sociedade, no intuito de transformá-la, é bastante estranho no contexto eclesiástico protestante. Neste, a expressão se refere aos atos inerentes ao ministério ordenado. Por seu turno, no ambiente româncatólico, o termo designa as várias modalidades de ação interna e externa.

Contudo, nas últimas três décadas, “Pastoral” adquiriu uma conceituação algo consensual, e por que não dizer ecumênica, tanto em função da práxis libertária de amplos segmentos cristãos latino-americanos, como do discurso teológico correspondente a essa práxis — a Teologia da Libertação.

Nesse quadro, sem excluir seus usos clássicos, o termo passou a qualificar uma infinidade de lutas e cometimentos de cunho político-social nos quais cristãos estiveram comprometidos, em particular com as diversas lutas em favor dos Direitos Humanos, durante o período de vigência dos regimes de Segurança Nacional, e em favor da organização popular. Evidentemente, no âmbito protestante, a expressão só foi usada com abrangência, freqüência e desenvoltura por organismos, grupos e pessoas com inclinação ecumênica e libertária.

Na atual década, essa conotação “progressista” vai tornando-se novamente rara, em decorrência dos abalos sísmicos que a assim chamada pastoral popular sofreu em virtude dos refluxos no plano estrutural, conjuntural e eclesiástico. Ao esvaziamento da expressão não corresponde necessariamente uma mudança nas práticas. Tal esvaziamento é apenas um sintoma de perda de terreno político por parte dos segmentos cristãos libertários nas igrejas e na sociedade.

Por conseguinte, para falarmos de identidade no campo religioso brasileiro atual já não podemos voltar o foco para experiências onde o conceito de pastoral representava um fator de mobilização e aglutinação. Hoje, os segmentos progressistas e libertários são cada vez mais confinados a uma estratégia de resistência. As ocorrências

mais palpitantes de consolidação de identidades passam por outras paragens.

Unidade e diversidade

Enquanto os cristãos divergem profundamente sobre a natureza da Igreja, não deixam de acreditar, contudo, em que existe uma única sociedade universal reconhecendo a Jesus Cristo como Senhor. Não obstante, a Igreja está hoje dividida, não só em organização e governo, mas também no entendimento do Evangelho e das suas implicações para a conduta. A Igreja não pode esperar, em tais condições, satisfazer às exigências da situação atual. É uma questão vital averiguar como se pode pugredir no sentido de uma vasta unidade. [J. Leslie Dunstan]

Insistimos no tema da “unanimidade não planejada”, isto é, nas similaridades ideológicas, morais, éticas e estéticas entre as denominações evangélicas brasileiras, embora raramente admitidas. Tal unanimidade durante quase um século tem se configurado como uma corrente subterrânea, ou melhor, como um potencial em repouso a ser utilizado em momento oportuno. Acreditamos que tal momento tenha chegado!

Após muitos esforços despendidos desde a década de 1960 em favor da unidade evangélica no plano continental e que nunca provocaram grandes reverberações no Brasil — referimo-nos ao movimento integrado por federações e confederações evangélicas de vários países denominado Unidad Evangelica Latinoamericana (Unelam), que tornou-se o embrião do Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai) —, assistimos hoje a uma discussão ampla e intensa sobre a unidade evangélica. Tal discussão supõe, necessariamente, um debate sobre a questão da identidade. Afinal de contas, quem pode reivindicar a participação nesse projeto unificador?

Acima nos admiramos com o retorno do esvaziamento do conceito de “Pastoral” no mundo evangélico. Aqui devemos constatar, também com certo passo, que volta ao cenário religioso o divisor de águas entre grandes projetos políticos que dividem horizontalmente as denominações evangélicas. Antes, tentávamos demonstrar que havia apenas dois grandes projetos sulcando as denominações: um contra e o outro a favor dos interesses das maiorias empobrecidas.

A rigor, hoje não é muito diferente; afinal esse é o grande dilema político no contexto do capitalismo. Entretanto, o diferencial reside nas diversas ex-

pressões e composições dessas duas alternativas no campo religioso em geral, e no domínio evangélico em particular. Examinaremos apenas algumas tendências mais notórias.

Uma conclusão

A história do cisma tem sido a história do malogro do Cristianismo. A Igreja que começou sua carreira com a promessa de paz e fraternidade para um mundo perturbado, aceitou as divisões da sociedade que esperava transformar e patrocinou os conflitos que pensava superar. [H. Richard Niebuhr]

O crescimento numérico e patrimonial das denominações do Pentecostalismo Autônomo tem permitido que elas tenham acesso à mídia num patamar surpreendente [cf. *Contexto Pastoral* nº 28, de setembro-outubro/95]. A possibilidade de veiculação da proposta religiosa por meio da mídia acaba por contribuir para que o crescimento e a acumulação patrimonial sejam ainda maiores. Em consequência, e segundo os cânones do capitalismo, tais sucessos precisam ser garantidos.

Assim sendo, a demanda pelo controle de meios de comunicação social por parte das igrejas é crescente. A grande maioria das denominações evangélicas e o movimento da renovação carismática católica estão empenhados em ampliar seus espaços nesse território. Da parte dos evangélicos, tem prevalecido certa sabedoria empresarial que privilegia, ao invés da simples concorrência, uma determinada complementaridade, onde os mais “fracos” se beneficiam dos mais “fortes”.

Mesmo parcialmente, este seria um fator que contribui para a modalidade atual de unidade evangélica. Pela vez primeira, a opinião pública e mesmo a congregação das igrejas têm se tornado receptoras de uma imagem unificada da proposta religiosa. Este fenômeno influiu decisivamente numa aproximação entre as denominações, enquanto correntes no mesmo mercado. Nesse cenário não faltam as cooptações por parte dos que detêm maior poder econômico, e que, desse modo, aumentam a sua rede de influência.

Defender o patrimônio, expandir a proposta e ganhar novos adeptos exige respeito às regras do jogo dominante. Isto significa que essas igrejas precisam saber trilhar os labirintos do poder constituído. Disso decorre um número crescente de candidatos evangélicos que se apresentam como defensores das igrejas nos planos municipal, estadual e federal. Já se fala numa candidatura

evangélica para a Presidência da República!

Outro fenômeno inusitado é que as igrejas sob o influxo do uso dos meios de comunicação social e das estratégias de *marketing* começam a buscar adeptos consoante a tática dos segmentos de mercado. Por ora, a juventude tem sido o alvo prioritário, basta verificar os grandes eventos e a programação das FMs evangélicas.

A antropologia nos ensina que um dos elementos constitutivos no processo de formação de identidades coletivas é a escolha de um inimigo comum. Nos recentes episódios entre as redes Globo e Record, nas manifestações massivas que se seguiram, ficou evidente que os segmentos evangélicos sob o patrocínio da Igreja Universal do Reino de Deus haviam finalmente encontrado um inimigo capaz de favorecer a consolidação de uma identidade e, assim, promover uma forma de unidade.

Setores evangélicos não engajados diretamente nessa “guerra santa eletrônica” embora seriamente atingidos por ela, encontram-se numa situação difícil. Movidos por inclinações pragmáticas esses grupamentos jamais fizeram questão de estabelecer claramente seus vínculos teológicos, doutrinários e litúrgicos com o que há de melhor na herança da Reforma, antes têm dado preferência às fórmulas reducionistas oriundas de uma mescla entre pietismo e fundamentalismo. Dessa maneira, querendo ou não, facilitaram uma grave distorção: agremiações religiosas exóticas e movimentos radicais passaram a reivindicar o direito de se auto-denominarem “evangélicos”. Isso reabre a discussão sobre identidade; discussão esta seriamente dificultada pelo clima de confronto e polarização entre combatentes poderosos.

Nesse quadro, multiplicam-se as combinações possíveis. Os evangélicos pela paz e justiça e pelo ecumenismo estão onde sempre estiveram. Na outra extremidade, forma-se um bloco financeira e numericamente poderoso que já começo a tornar público seu projeto político. Restam, além dos indecisos, parcelas, organizadas ou não, que buscam uma solução alternativa. Por tudo isso, os deslocamentos são freqüentes e as alianças inevitáveis. O que poderá surgir desse processo dinâmico ainda é uma incógnita. Doravante, sem dúvida, teremos que revisitar a temática.

José Bittencourt Filho, pastor presbiteriano e mestre em Ciências da Religião. Da equipe de KOINONIA.

A Igreja no meio da tempestade

Marcos Roberto Inhauser

A igreja ganhou as páginas dos jornais. Só que ganhou as páginas policiais! Por quê? Tentando analisar evidências para chegar às causas, quero trazer algumas idéias a fim de tentar descobrir o que anda acontecendo.

A evidência litúrgica

A primeira evidência é a questão litúrgico-simbólica. Depois que saiu publicado meu artigo “Umbandização do contexto carismático”, comecei a receber telefonemas e a me encontrar com colegas, que diziam: “Vou te contar uma...” e lá vinha a história de práticas litúrgicas as mais estranhas. Comecei a fazer uma coleção dos exageros que andam por aí. Numa determinada comunidade alguém teve uma “profecia” de que a igreja não crescia porque o púlpito dela tinha maldição. Não deu outra: celebrou-se um culto de quebra de maldição do púlpito e se queimou o móvel. Um novo púlpito foi colocado no local com a devida consagração e unção do móvel com óleo. Em outra igreja que não crescia, “descobriram que a maldição estava na pedra fundamental. Municos de pás e enxadões, cavoucaram os alicerces da igreja, arrancaram a pedra fundamental e a jogaram fora. Em Campinas, o pastor, num culto de quinta-feira à tarde, vendeu páginas da Bíblia do púlpito a dez reais cada. As pessoas eram orientadas a vir à frente, comprar a página da Bíblia abençoada e comer a folha para terem a Palavra de Deus por dentro. Nessa mesma igreja, um dos pastores pegou a camisa e, tesoura em punho, foi para o púlpito vendendo pedaços da camisa do “príncipe igreja”. Quem comprasse tal pedaço estava levando para casa a bênção astor. Em outra oportunidade, vendeu algodão abençoado. As pessoas tinham que comprar o algodão por vinte e um reais, que correspondiam aos vinte e um dias que o anjo do Senhor lutou contra o demônio da Pérsia. O comprador do algodão deveria ir para casa, passá-lo no cabo da vassoura, varrer a casa, juntar a poeira, colocá-la em um envelope, levá-lo à igreja para que o demônio fosse expulso da casa. Fiquei sabendo de uma igreja em que o pastor orientou os eclesiásticos a virem com galhos de arruda na orelha, para que o demônio não atrapalhasse o sermão. Noutra igreja, os crentes têm que tomar um banho de sal grosso antes de entrar no templo.

Estava levando para casa a bênção astor. Em outra oportunidade, vendeu algodão abençoado. As pessoas tinham que comprar o algodão por vinte e um reais, que correspondiam aos vinte e um dias que o anjo do Senhor lutou contra o demônio da Pérsia. O comprador do algodão deveria ir para casa, passá-lo no cabo da vassoura, varrer a casa, juntar a poeira, colocá-la em um envelope, levá-lo à igreja para que o demônio fosse expulso da casa. Fiquei sabendo de uma igreja em que o pastor orientou os eclesiásticos a virem com galhos de arruda na orelha, para que o demônio não atrapalhasse o sermão. Noutra igreja, os crentes têm que tomar um banho de sal grosso antes de entrar no templo.

Outra pista está na frase de um responsável pela implantação da igreja brasileira nos Estados Unidos. Um amigo que tem um programa de rádio em Chicago e que de vez em quando me chama para entrevistar-me sobre algum assunto referente ao Brasil, há poucos dias ligou: “Nós fizemos uma entrevista com uma pessoa responsável em implantar uma igreja brasileira em Chicago, e eles estão demorando para deslanchar. Eu perguntei por que estavam tendo dificuldades para iniciar e a pessoa respondeu que eles ainda não haviam descoberto o que é que o americano quer, para poder oferecer a eles”. O que ele estava dizendo? “Na nossa pesquisa mercadológica da fé, não descobrimos ainda o que eles querem para chegarmos, oferecermos e montarmos nosso negócio”. Essa é a segunda evidência, a do negócio da fé.

A evidência dos decepcionados

A terceira é a evidência da geração dos ex-evangélicos. Dados estatísticos que foram levantados por um seminário da Argentina — que é algo que precisaria ser feito no Brasil — apontaram o número de pessoas que já foram de alguma igreja e hoje são ex-evangélicos. Nós estamos com uma população (que arrisco ser ao redor de 30%) dos que já tiveram algum envolvimento com igreja evangélica, especialmente as de corte pentecostal e neopentecostal, e que

A evidência comercial

A segunda evidência está baseada em duas afirmações feitas por líderes de alguns desses movimentos. O jornal “Folha de São Paulo” começou a pressionar a Igreja Universal do Reino de Deus, para checar se realmente estava havendo milagre. Mantiveram contato com um deputado federal ligado à Igreja, o qual marcou o dia em que poderiam levar jornalistas, e mais quem eles quisessem para verificar *in loco* os milagres. Na última hora o deputado engolheu, e a expressão que ele usou foi a seguinte: “Nós chegamos à conclusão de que isso não seria bom para o nosso negócio.” Isso me levou a pensar que a igreja é um negócio. Tanto é assim que hoje se tem a *holding* da fé. Igrejas envolvidas numa série de negócios que vão de confecções a material para matar barata, passando por agência de viagens, gravadoras, editoras, bandas de rock, shows evangélicos, batismos no Jordão, viagens à Terra Santa. Esse “negócio da fé” leva a igreja à religião de resultados.

Outra pista está na frase de um responsável pela implantação da igreja brasileira nos Estados Unidos. Um amigo que tem um programa de rádio em Chicago e que de vez em quando me chama para entrevistar-me sobre algum assunto referente ao Brasil, há poucos dias ligou: “Nós fizemos uma entrevista com uma pessoa responsável em implantar uma igreja brasileira em Chicago, e eles estão demorando para deslanchar. Eu perguntei por que estavam tendo dificuldades para iniciar e a pessoa respondeu que eles ainda não haviam descoberto o que é que o americano quer, para poder oferecer a eles”. O que ele estava dizendo? “Na nossa pesquisa mercadológica da fé, não descobrimos ainda o que eles querem para chegarmos, oferecermos e montarmos nosso negócio”. Essa é a segunda evidência, a do negócio da fé.

A evidência dos decepcionados

A terceira é a evidência da geração dos ex-evangélicos. Dados estatísticos que foram levantados por um seminário da Argentina — que é algo que precisaria ser feito no Brasil — apontaram o número de pessoas que já foram de alguma igreja e hoje são ex-evangélicos. Nós estamos com uma população (que arrisco ser ao redor de 30%) dos que já tiveram algum envolvimento com igreja evangélica, especialmente as de corte pentecostal e neopentecostal, e que

hoje estão decepcionados com as igrejas. Eu digo que essa é a “geração dos decepcionados do evangelho”. Por que decepcionados? Porque foram para a igreja que lhes ofereceu a cura disso, a solução daquilo, a prosperidade financeira. Puseram o seu dinheiro ali, investiram e, afinal, viram que não era nada daquilo. Há pouco tempo, numa entrevista a um jornal, sugeriu que deveria haver um “Procon da Fé”. Estão oferecendo a cura e não sei mais o quê, e há casos em que a pessoa pode acionar o Procon da Fé porque é propaganda enganosa.

Estas três evidências me levam a pensar no que está por detrás de tudo isso. Alguma coisa existe com a qual não conseguimos atinar. Uma imagem que gosto de usar nesse contexto é de que me sinto como aquele capitão de barco que está em alto-mar, pega uma tempestade, o barco começa a rodar para lá e para cá. Você sabe que não vai afundar, mas não pergunte para onde ele está indo.

Neste contexto quero sugerir algumas dicas que lancem luzes nesta tempestade.

Do sonho socialista para a realidade materialista e mercantilista

A primeira delas é que estamos vivendo a passagem do sonho socialista para a realidade materialista e mercantilista. Até há algum tempo tínhamos o sonho de uma sociedade fraterna, de uma comunidade dos iguais, em que pelo menos a esquerda religiosa estava imbuída. Era o sonho que se fazia início de realidade nos projetos socialistas de Cuba, Nicarágua e Leste europeu. Frases como “entre religião e revolução não há contradição” eram lemas de vida. Veio a Teologia da Libertação para dar formulação teológica ao sonho e para iluminar a prática histórica. E, como que por passe de mágica, para espanto do mundo, o sonho desmoronou com a queda do muro de Berlim. Caíram os modelos socialistas e desmontaram-se os sonhos. Quando acaba o sonho, entra o comércio. Estamos, neste período, entre a utopia e essa realidade do capitalismo selvagem. O sonho deu lugar à crueldade da concorrência capitalista, da sobrevivência dos mais bem capitalizados (versão capitalista da teoria darwiniana).

Do rural para o urbano

A segunda pista é a transição do rural para o urbano. Nossas igrejas foram estruturadas para o mundo rural. Isso de

ter Escola Dominical às nove horas estava muito próprio para as sociedades rurais. Quem tinha criação de gado, tirava o leite das cinco às oito horas, lavava as mãos, almoçava, vinha para a Escola Dominical, voltava para casa e já era hora de tirar leite outra vez. Quando terminava, tinha o culto às dezenove horas. A forma de ser igreja estava centrada nas famílias. Na Igreja estavam o pai e a mãe, os filhos e as filhas, os irmãos e as irmãs, os primos e as primas, os tios e as tias, o fulano que era primo da cicrana, que era irmã da beltrana. A Igreja era uma grande família. Porque trabalhavam na roça, passavam a semana toda meio sozinhos. No final da semana, era uma festa reunir todo o mundo, se encontrar e ficar na porta da igreja conversando até tarde.

Isso acabou porque na sociedade urbana, o sujeito encontra e tromba com

No culto há reverência, no show há efervescência; no culto há a preocupação de glorificar a Deus, no show há, por parte do pessoal do palco, a preocupação em receber glórias. No culto buscamos a iluminação de Deus, no show os artistas buscam a iluminação dos holofotes



gente a semana inteirinha. Chega o domingo e ninguém quer ver gente. Todos querem muito mais é se enfiar no meio do mato para não ver ninguém. Fiquei assustado quando num domingo de manhã fui para Londrina dar aula, e viajei pela Rodovia Castelo Branco. Havia uma infinidade de faixas anunciando vendas de chácaras. Ofereciam o paraíso na vida longe das grandes metrópoles. Essa é a saída para o pessoal da metrópole: chega o fim de semana e não quer ficar trombando com gente, e por isso se embrenha numa chácaras. A Igreja, ao querer reunir gente aos domingos, parece que está na contramão do processo de urbanização.

Do comunitário para o solitário

Estamos na transição do comunitário para o solitário. Cada vez mais estamos ficando sozinhos, cada vez mais estamos nos fechando em nós mesmos. As instâncias de promoção da comunidade, da solidariedade, que eram os clubes, as noites literárias, as reuniões de família, a convivência com a família estendida, foram, pouco a pouco, se acabando. Na sociedade urbana se dá o estranho fenômeno de quanto mais gente houver ao nosso redor, mais sós estamos. O comunitário da vida rural foi cedendo espaço para o solitário da vida urbana.

Do ético para o imoral

As igrejas históricas (presbiteriana, luterana, metodista, batista) tiveram comportamento e ensino éticos durante o período de suas vidas. Com o advento do pentecostalismo, o ético foi rebaixado para legalismo, porque a multiplicação de regras, com a coleção infundável de "pode" e "não-pode" foi a tônica do ensino pentecostal. O neopentecostal, por sua vez, é aético. Li uma entrevista na revista "Isto É", em que um jovem

afirma que "estou nessa igreja porque posso fazer o que quero; ninguém pega no meu pé; tudo é permitido". Esse comportamento aético do neopentecostalismo fica evidente na falta de escrúpulos em exigir contribuições, na teologia do dízimo como investimento, nos negócios não tão claros de compra de rádios e televisões, na transformação da fé em negócio.

Do culto para o show

Há uma diferença muito grande entre um culto e um *show*. No culto há reverência, no *show* há efervescência; no culto há a preocupação de glorificar a Deus, no *show* há, por parte do pessoal do palco, a preocupação em receber glórias. No culto buscamos a iluminação de Deus, no *show* os artistas buscam a iluminação dos holofotes. No *show* se batem palmas, se levantam as mãos, se assobia, mas não se tem o compromisso com o próximo. No culto também pode haver as palmas, levantar as mãos, mas há um compromisso com o próximo. No culto há uma integralidade litúrgica, com adoração, confissão de pecados, declaração de perdão, exposição da Palavra, consagração, bênção. No *show* a liturgia é monotematica: só há cânticos de adoração, de louvor.

Da congregação para a platéia

Estamos num período de transição da congregação para a platéia. Há muita igreja que não é igreja, fazendo culto que não é culto, porque não tem congregação, mas, sim, audiência, auditório, platéia. É diferente o ajuntamento de gente que se faz igreja e que é congregação. Há entre eles o compromisso com o próximo, com a vida da igreja local, com o viver a vida cristã, com o respeitar o próximo na sua diferença e variedade, de "engolir alguns sapos" para que a comunhão não seja quebrada. O auditório é formado pelos "crentes", turistas crentes que hoje estão aqui, amanhã ali, que não têm compromisso com uma comunidade, mas que se sentem livres para ir a qualquer lugar onde não lhe peçam o compromisso. A platéia busca o *show*, o agradável, o emocionalismo fácil, as orações mágicas, a vida sem compromissos. Não buscam a formação de congregações, a comunhão duradoura.

Da igreja para o clube

Da congregação para a platéia, do culto para o *show*, a igreja deixou de ser igreja para ser clube. Você tem o Clube dos Cantadores de Coríntios, o Clube dos Estudiosos da Bíblia, o Clube dos Amigos da Oratória Sacra, o Fã-clube do bispo Antônio, o Fã-clube do pastor José. É diferente do ser igreja. Eles não vão porque ali há um projeto de Deus, um compromisso com os valores do

Reino, mas porque há alguém ou algo de que gostam.

Da racionalidade teológica para o misticismo mágico

A racionalidade perdeu espaço para soluções iracionais e místicas: "Se você passar o algodão no cabo da vassoura e trouxer o lixo aqui na igreja expulsamos o demônio que está atrapalhando sua vida"; "a folha da Bíblia engolida pode acabar com a úlcera que você tem no estômago"; é uma etiqueta de uma camiseta que pode impedir que Deus te abençoe porque supostamente tem algo a ver com a Nova Era. A lógica teológica foi para o espaço. Afirmam um Deus onipotente, mas ao mesmo tempo acreditam que uma etiqueta de roupa impede este Deus de atuar. É o crente que precisa andar com dente de alho no bolso, ter galho de arruda na orelha e tomar banho de sal grosso. Afirmam que o sangue de Jesus tem poder, mas a arruda, o sal grosso e o alho podem ajudar a melhorar-lhe a eficácia.

Da reflexão teológica para a repetição ideológica

O neopentecostalismo não precisa de seminários. Você ensina umas frases de efeito, que passam a repetir *ad eternum*. Não há reflexão, há repetição. Isso não é ser pastor, isso não é ser uma pessoa que sabe refletir teologicamente. Essa é a pessoa que sabe repetir umas tantas frases estereotipadas. A reflexão teológica (inclusive em certos púlpitos metodistas, batistas, luteranos e presbiterianos) não é nada mais do que caixa de ressonância, onde papagaios repetem a teologia de outros sem um mínimo de critério, de reflexão. Falta-lhes critério, reflexão teológica, instrumental para o sujeito pensar, analisar e posicionar-se sobre o que está acontecendo, para pegar e juntar as peças e tirar uma conclusão por si mesmo.

Da educação teológica para o elogio à ignorância

O saber teológico está em baixa. Em tempos de misticismo, estudar é entrave à ação de Deus. Quanto mais teologia se sabe, menos lugar se dá à ação de Deus. Essa lógica perversa é um elogio à burrice bíblica e teológica. Como resultado dessa lógica você encontra nas páginas da revista "Veja" um bispo dizendo que nunca leu outro livro além da Bíblia. A leitura de qualquer coisa além da Bíblia é pecado, é dar lugar ao mundo. Nessa versão do fundamentalismo bíblico, a leitura bíblica é feita sem um mínimo de critério, quando aspectos históricos, culturais e contextuais são desprezados. A coisa é grave. A leitura da Bíblia com propriedade, com racionalidade, com inteligência, com projeto hermenêutico e exegético sérios, acabou. Cedeu-se lugar ao *oba*

oba da ignorância elevada ao status de verdade. Aparecem pessoas que ninguém sabe de onde vieram, onde estudaram, que são pastores de si mesmos e que estão "fazendo teologia" para o povo.

Da igreja serva para a igreja servida

A igreja tinha disposição de sair sacrificialmente, trabalhar pelos necessitados, dar de si mesma, tinha o que oferecer. Hoje a igreja está pedindo. A igreja que dava é hoje a igreja que pede. A saúde de uma igreja se mede não mais pelo serviço sacrificial que presta, mas pela saúde bancária que tem. Para isso se inventam as bênçãos das carteiras, as semanas de oração poderosa, o algodão abençoado, a venda de páginas da Bíblia, a venda de pedaços da camisa do pastor, o dar o dízimo daquilo que você quer ganhar como forma de obrigar Deus a devolver os 90% do que você deu. Na religião de resultados a preocupação não é com a edificação da igreja, mas com o crescimento da igreja. Há uma diferença entre crescer e edificar. O crescimento não solidificado, não calcificado é uma anomalia. O crescimento não edificado produz deformidades desequilíbrios. Isso acontece com a igreja que só se preocupa em crescer, que está obcecada por números. É uma igreja que sai trombando e tropeçando. Um crescimento sólido é aquele crescimento calcificado, em que se vai tomando consciência do corpo, e que se olha e se diz "ainda sou eu".

Conclusão

O período de transições pelo qual estamos passando tem levado muitas igrejas a enfrentarem dificuldades para atuar com identidade e sobriedade. Não são poucos os pastores que, tendo recebido educação teológica formal, ao se defrontarem com as pressões de membros da igreja ou a iminência de uma debandada deles para outros páramos, claudicam em suas convicções e "entram na onda" como forma de garantir a sobrevivência. O momento não está para manobras bruscas, para guinadas radicais, nem tampouco para deixar que o barco seja levado ao sabor da tempestade. Os marinheiros prudentes, mesmo em meio às tempestades, mantêm firme o timão. Nesse sentido há inúmeras exortações na Bíblia para que os líderes não se deixem seduzir pelas heresias de plantão, mas que examinem tudo, retenham o que é bom e se fortaleçam na fé que uma vez por todas foi dada aos santos.

Marcos Roberto Inhauser é diretor do Centro Menonita de Teologia, vice-presidente do Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais (Cebep) e doutorando em Ministério pelo Northern Baptist Theological Seminary.



Marta Cerqueira Leite

Atuais tendências pastorais populares

J. B. Libânia

Este final de século e de milênio anuncia-se paradoxal. De um lado, violenta crise atinge as instituições mais vetustas e venerandas, quer do mundo civil como do religioso. Os grandes partidos, os sindicatos, empresas de grande porte vêm-se às voltas com uma corrosiva crise de credibilidade, de gerenciamento. As igrejas institucionais não escapam do mesmo destino. As freqüências diminuem. O poder persuasivo de seus discursos carece de força. A palavra dos dirigentes ecoa sem ressonância nas decisões pessoais, familiares e sociais.

De outro lado, nunca se viu tanta busca do sagrado, tanta religiosidade, tanto surgir de grupos espiritualistas. As igrejas, sobretudo pentecostais, nascem aos borbotões, vicejam por todas as partes. E, em geral, com mais vigor no meio popular.

Acrescente-se a esse cenário político-religioso o triunfo solitário do neoliberalismo. A consequência imediata da hegemonia econômica neoliberal tem sido o aumento de desemprego, ao lado do crescimento econômico.

Em termos sociais, significa que o maior problema que enfrentamos no momento não são os pobres à espera de uma melhoria da situação a fim de deixarem para trás sua pobreza, mas os excluídos. Naturalmente os pobres são os primeiros excluídos. A situação deles tornou-se pior. Pois, ao serem reduzidos à categoria de excluídos, tirou-se-lhes a esperança de saírem dessa condição de pobres.

Opção pelos excluídos

Se nas décadas de 1970 e 1980 a prioridade da pastoral popular católica era a opção pelos pobres, agora, na década de 1990, a opção é e será pelos excluídos. A exclusão é o resultado perverso da concentração de capital, de saber, de poder. Ela não pode ser superada simplesmente pela inclusão, inserção, entrada no clube restrito dos detentores desse poder, mas por solidariedade. Por isso, a tendência principal da pastoral popular é enfrentar duplamente a exclusão. Negativamente, criticando-lhe as causas, desmascarando as pseudosoluções. De outro lado, criando estruturas de solidariedade em todos os níveis.

Em muitos lugares, tem-se trabalhado com a pastoral da "economia popular solidária". Misturam-se iniciativas e práticas produtivas, saber popular, estratégias de sobrevivência, para enfrentar

tar carências e necessidades concretas, falta de recursos, de emprego e de bens de subsistência, com espírito de liberdade, participação e criatividade a partir dos recursos que os pobres mesmos conseguem obter de maneira auto-suficiente. Enquanto pastoral, acentuam-se os valores evangélicos das relações de fraternidade, de confiança, de ajuda mútua, de igualdade, de partilha.

Ainda no âmbito da solidariedade em oposição à exclusão crescente, estão as inúmeras pastorais sociais de presença nos movimentos dos sem-terra, sem-casa. Têm assumido relevância as Romarias da Terra. É de prever que nos próximos anos a questão da terra vá agravar-se. Apesar de ter sido sempre gravíssima, ela vem mais claramente à tona da consciência da nação depois de trabalho longo, persistente e eficaz do movimento sem-terra. Em nível urbano, a questão dos sem-casa tem semelhante gravidade. Mas o nível de organização não atingiu ainda patamar tal que lance o problema para o âmbito nacional com pressão irresistível sobre os poderes públicos.

Por um novo tratamento da religiosidade popular

Abre-se outro novo campo de crescente gravidade pastoral com a situação religiosa criada pelas igrejas pentecostais autônomas. Apoando-se sobre o tripé da cura, do exorcismo e da promessa de prosperidade econômica imediata, elas têm atingido as camadas populares mais carentes. Com isso, levantam enorme desafio à pastoral popular da Igreja Católica e das igrejas protestantes históricas.

Nesse contexto, entende-se a nova tendência da pastoral da Igreja de privilegiar a religiosidade popular e os meios de comunicação em vista das massas. Já não se trata de proteger o povo fiel simples, nem de orientar sem mais tal religiosidade na linha libertadora, mas de compreender, valorizar, trabalhar pastoralmente a dimensão espiritual religiosa, antropológica, que emerge mais fortemente nesse momento de crise. O mero fato de o povo celebrar de maneira simples, espontânea, piedosa, a fé é já um valor que a pastoral popular deve reforçar.

A migração de muitos fiéis para as igrejas pentecostais autônomas deve-se, sem dúvida, à falta de habilidade pastoral no tratamento dessa piedade popular. A pastoral popular da Igreja vem tomando consciência do fato e evi-

tando naturalmente uma posição protecionista e gregária.

A proposta pastoral mais consistente é de inventar um novo catolicismo popular, evitando os dois extremos. Ou ficar tal qual era, não se diferenciando do catolicismo tradicional, ou criar formas tão originais e libertárias que o fiel simples não reconheça nelas os seus símbolos religiosos, suas devoções e ritos costumeiros. Sentem-se aí estranhos. Conseqüentemente muitos ou migram para outras denominações evangélicas ou continuam nos grupos religiosos tradicionais. Este foi o equívoco de muitas Comunidades eclesiais de base (CEBs). Inventaram formas religiosas, ditas populares, mas que de fato não eram reconhecidas como tais pela maioria dos fieis piedosos.

A pastoral entre a mídia e por meio dela no campo popular já vem ocupando energias pastorais da Igreja. E essa preocupação cresce nos últimos tempos por causa da percepção mais clara das dificuldades de as igrejas atingirem as massas.

A opção prioritária pastoral de muitas igrejas particulares pelas CEBs pareceu, num primeiro momento, responder a tal reclamo. Mas os fatos evidenciaram que com as CEBs se atingiam uns dez milhões ou pouco mais de católicos. Computam-se hoje umas cem mil CEBs em todo o País. E entre os mais de cem milhões de católicos não envolvidos pelas CEBs estão as grandes massas dos mais pobres. E a atenção das igrejas particulares começa a voltar-se pastoralmente para elas. O tema escolhido para o próximo Encontro Intereclesial de Comunidades de Base a realizar-se em 1997 trata precisamente das CEBs e as massas.

Esta escolha reflete a percepção do problema, mas também já a tendência de concentrar aí os esforços pastorais. A mídia é o instrumento mais apto para atingi-las. No entanto, a pastoral de massas por intermédio da mídia no mundo católico ainda engatinha. Existe uma verdadeira teologia da libertação de boa qualidade de caráter popular. Essa produção ainda continua com certa consistência. A presença nas rádios de grande e pequeno porte ocupa muitas energias pastorais. Pode-se perguntar pela orientação realmente popular dos programas.

Ainda relacionado com a pastoral de massas, vêm-se incentivando algumas mudanças na prática eclesial católica. A desproporção gigantesca entre o núme-

ro de ministros ordenados e fiéis tem feito deles pessoas sempre apressadas e ocupadas, de pouca possibilidade de atendimento pessoal aos fiéis. Por isso, tem-se dedicado maior atenção ao acolhimento das pessoas para obviar tal deficiência pastoral.

Além disso, a Igreja Católica, ainda timidamente, tem levantado a questão dos ministérios. A longa tradição eclesiástica centra os ministérios em torno dos ministros ordenados. É sabido que esse número é irrisório em relação às demandas pastorais. Por mais que se promovam as vocações, a defasagem permanecerá insuperável. Além disso, tem-se descoberto uma nova compreensão do protagonismo dos leigos na vida da Igreja numa superação da rígida distinção de serviços. O clero na Igreja, o leigo no mundo. Ambos os mundos pertencem aos dois ainda que com certa especificidade. A tendência pastoral marca crescente presença dos leigos nos ministérios internos da Igreja e maior credibilidade e visibilidade, como Igreja, de atuação no mundo.

Ainda nesse contexto, há uma percepção pastoral melhor e mais livre a respeito da importância das festas para as camadas populares. A Igreja tradicional sempre valorizará as festas, só que, em geral, em vista de arrecadar fundos para as necessidades da igreja, de promover a devoção aos padroeiros, etc. As CEBs, em muitos casos, foram radicais, abolindo-as e com isso afastaram os fieis. Há uma redescoberta do valor humano, antropológico, da festa, independente de um fim imediatamente orientado para uma práxis libertadora. A "pastoral da festa" está acentuando o valor intrínseco do celebrar, festejar, partilhar a vida na alegria e esperança de existir contra as formas de morte. Finalmente, a pastoral política da Igreja Católica certamente será influenciada pela Campanha da Fraternidade de 1996 que versará sobre tal questão.

Essas novas tendências da pastoral popular terão maior ou menor chance de firmarem-se dependentemente da maneira como a Igreja institucional no Brasil, sobretudo na pessoa de seus bispos, não se deixar engolfar na onda neoconservadora e se mantiver fiel às grandes opções de Medellín, Puebla e Santo Domingo na sua genuína versão latino-americana.

J. B. Libânia é teólogo católico. Autor dos livros *Pastoral numa sociedade de conflitos* e *Escatologia cristã: o novo céu e a nova terra* (Ed. Vozes).

Viver na força do espírito

REFLEXÕES A PARTIR DA VIVÊNCIA COMUNITÁRIA DA FÉ

Claudio de Oliveira Ribeiro

Sempre fiquei meio confuso diante de um texto bíblico de Lucas: “O Reino de Deus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado” (13.18-19). Ele era por demais recitado nas reuniões que fazíamos no início de meu trabalho pastoral. De lá para cá, tenho feito, em parte, algumas descobertas, embora o sentimento de perplexidade permaneça.

A vida comunitária cada vez mais se impõe como um desafio aos cristãos. A comunidade que vive na força do Espírito de Deus terá sempre suas próprias características que, certamente, a distinguem de outros esforços humanos, ainda que religiosos. A fé transfigura o mundo e, com essa nova visão, os cristãos, sob a ação contínua e soberana de Deus, agem reconstruindo a vida e o mundo. São homens e mulheres, jovens, idosos e crianças que buscam uma nova forma de viver a fé. Nada tem a ver com as propostas massificantes e ideologizadas como as dos cantores evangélicos, dos encontros de avivamento e similares, embora estas propostas estejam misturadas, na prática, com todas estas idéias, teóricas, que estão nestas linhas.

Na verdade, creio que vivemos o tempo oportuno, o *kairos*, para revisões de vida, de métodos de trabalho, de enfoques. Diferentes setores das igrejas — os que trabalham com populações empobrecidas, com jovens ou com outros grupos específicos — têm buscado novos rumos. Cabe-nos seguir, por atitude gratuita e de fé, a direção do vento do Espírito de Deus.

A comunidade como lugar fraterno: *Koinonia*

A dificuldade de relacionamento humano tem sido uma das características dos dias de hoje. Isso tem atingido toda a sociedade, mas a situação das famílias nas áreas periféricas e empobrecidas é, de modo especial, conflitiva.

Os aspectos violentos da falta de infra-estrutura social se refletem visivelmente nas igrejas. As reuniões eclesiásticas, em termos metafóricos, tornam-se um fraticídio, uma vez que a visão sectária, fruto do pietismo, as muitas divisões internas e a burocracia pastoral geram fortes disputas e tensões entre os membros das igrejas.

Todavia, o modelo eclesial protestante e a experiência concreta vivida pelas comunidades — ainda que com distorções — apontam para uma *koinonia*.

nia. Também é notório que os elementos de festividade, alegria, emocionalidade e abertura, intensamente presentes na matriz cultural e religiosa do povo brasileiro, cooperam para essa possibilidade.

Mas, uma das lacunas encontra-se na insensibilidade pastoral para tratar dos conflitos, de tal maneira que possam ser canalizados para uma vivência fraterna. As igrejas, muitas vezes, caracterizam-se pela generalidade em seu discurso e por um dualismo que advoga para elas o lugar do bem. Na maioria das vezes, no campo pastoral, o ponto de partida é idealista, ao considerar a igreja como lugar de intensa fraternidade e amor, sem descer à realidade conflituosa. Quando o ponto de partida são os próprios conflitos existentes, não há abalos psicológicos em demasia ao se defrontar com eles, e, na superação, gera-se um estado de alegria e de satisfação (cf. Romanos 12.9-21).

O pressuposto desta concepção é que o amor não é próprio das comunidades. Na verdade, “nós nos amamos porque Deus nos amou primeiro” (1 João 4.19). Ele constrói a comunidade em amor. Ela é a reunião daqueles que, sob a ação do Espírito Santo, Jesus tem tornado dispostos e prontos para a experiência da plenitude da vida. É a realização subjetiva do que objetivamente ocorreu com Cristo em sua morte e ressurreição.

A experiência com Jesus reconstrói a vivência eclesial, pois a institucionalidade da Igreja não garante a comunhão. O teólogo Karl Barth (1886-1968) indicou que a Igreja, em si mesma, não é santa. Ela partilha, como comunidade do Espírito entre a humanidade, seus pecados e sua culpa, e coloca-se absolutamente na necessidade de sua justificação em Cristo.

O que a realidade das igrejas têm indicado, ainda que de forma caricata, é que as suas tendências teológicas não consideram a fraternidade eclesial como valor. Ou seja, por si mesma a comunhão da Igreja não é um objetivo — ou, na melhor das hipóteses, está bem abaixo na escala de preocupações e de prioridades pastorais. Aos setores denominados conservadores, interessa a estabilidade institucional e doutrinária; aos grupos com orientação pastoral de tipo carismático convém outra formulação desta doutrina; aos agrupamentos usualmente denominados progressistas importa o engajamento político-social (cf. 1 Coríntios 12.12-31).

A comunidade, se forem realçadas suas possibilidades de exercício da fraternidade, é uma experiência antecipada do Reino de Deus

Creio, portanto, que somente Deus, por intermédio da força de seu Espírito, poderá fazer da comunidade um lugar fraterno de reunião de seu povo.

Saber escutar o irmão

A mensagem neotestamentária desafia as igrejas à unidade: “Com toda humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz” (Efésios 4.1-6).

A perspectiva não é minimizar o engajamento político-social ou a discussão doutrinária. O que se busca é uma espiritualidade para essas demandas que não seja artificial ou racionalista, como muitas vezes se vê nas diferentes tendências teológicas das igrejas. A eficiência deve estar num contexto profundo e plenamente humano — espaço de um encontro gratuito com o Senhor —, transformando-se em eficácia.

A comunidade, se forem realçadas suas possibilidades de exercício da fraternidade, é uma experiência antecipada do Reino de Deus. Da mesma forma que a comunidade primeira dos cristãos se sentia feliz em partilhar os bens e se amar (Atos 2.43-47; 4.32-37), hoje também é possível se amar/partilhar.

Há, pois, uma espiritualidade que dá sentido à vida comunitária e aos esforços de formação de comunidades eclesiás. Trata-se de um modo de ser, uma nova visão da vida e da fé: é a eclesiologia que surge da escuta da Palavra de Deus. Para a comunidade realmente encontrar-se consigo mesma e agir na mesma linha de Jesus Cristo e seus apóstolos há somente uma atitude: submissão e obediência à Palavra de Deus.

Essa escuta, como modo de vida eclesial, estabelece, em três momentos, uma metodologia de comunhão, diálogo e disciplina. A Palavra de Deus não é ouvida individualmente, como a prática pietista moldou as igrejas, mas na escuta do irmão. Esta abertura de reconhecer no outro o caminho da Palavra estabelece uma relação essencialmente comunitária. Na comunidade, ao ouvir

a Palavra de Deus, as pessoas se encontram, se humanizam, se escutam.

A vivência eclesial possibilita o acompanhamento espiritual. Trata-se não de relações verticalizadas, impositivas, conforme boa parte da realidade das igrejas, e de nós, pastores, mas de diálogo e espaço de discernimento. As pessoas podem, por meio de seus carismas (portanto não necessariamente clérigos), contribuir com as outras nos momentos de crise, decisões importantes, caminhos a serem seguidos ou aprofundados.

Na comunidade também se vive a obediência. Os elementos eclesiológicos da gratuidade, da liberdade e da espontaneidade nas relações não significam uma perspectiva liberal, sem referenciais. A obediência à Palavra, ouvida na comunhão e discernida no diálogo, é escuta interior que leva aos caminhos da solidariedade, em especial com os pobres e com os que sofrem.

Esta eclesiologia requer esforços pastorais específicos. Nesse sentido, no aspecto litúrgico é necessário, entre outros, dar uma dimensão mais criativa e menos rotineira à celebração da Eucaristia, e enfatizar que ela é comunhão entre irmãos e que não importam as ênfases moralistas da prática pietista.

No aspecto político, é necessário distender as relações clérigos-leigos, recuperar a dimensão diaconal e criar discursos (pastorais) com maior transparência. Não se trata de práticas demagógicas ou populistas, mas eclesiasticamente os agentes pastorais precisam estabelecer uma relação mais harmônica e fraterna com os membros da igreja.

É comum, entre clérigos e comunidades, um autêntico embate: para que a igreja se torne “progressista”; para pentecostalizar a igreja; ou para não permitir estas duas coisas. No entanto, o que é necessário é a conjugação de esforços teológico-pastorais para a comunidade local ser ela mesma. Ou seja, é preciso haver mediações para que as pessoas falem o que pensam, ouçam os irmãos e irmãs e tirem conclusões que as façam crescer na fé. A possibilidade de as pessoas serem elas mesmas (autenticidade) e poderem falar, ouvir, concluir (maturidade) é uma fonte rica de felicidade. E, neste sentido, a comunidade testifica com a presença do Espírito de Deus.

Claudio de Oliveira Ribeiro, pastor metodista na Baixada Fluminense-RJ, integra KONONIA Presença Ecumênica e Serviço.

Reino de Deus: convite à solidariedade

UM ESTUDO SOBRE LUCAS 12.22-34

Josué Adam Lazier

Em tempo de crise somos convidados à solidariedade. Podemos dizer que o Reino de Deus irrompeu num tempo em que a Palestina e o mundo do primeiro século estavam em crise. Essa crise evidenciava-se: (a) numa sociedade classista e escravagista que dominava, roubava e matava; (b) numa economia que roubava o excedente da produção do povo, gerando um estado de pobreza muito grande; (Temos as informações de que a Palestina e a Síria eram os maiores exportadores de escravos da época, bem como o número de prostitutas era alarmante.) (c) numa política que tinha como prioridade a promoção, a dominação e a legitimação do *status quo*, etc.; (d) numa ideologia “maligna”: na Palestina imperava a religião dos “santos” em detrimento dos sinais mais elementares da vida; imperava o legalismo e a vida cética, enquanto os mandamentos e ordenanças que tinham por objetivo proteger a vida e os direitos dos menos favorecidos eram “legalisticamente” esquecidos.

Já no ambiente romano, consequentemente na Palestina também, imperava a ideologia da *pax romana* que foi implantada depois de formar um mar de sangue e escravizar multidões que acabaram por render-se ao poderio militar do imperador romano.

O Reino de Deus, inaugurado e sinalizado por Jesus, surge nesse ambiente de dor, sofrimento, morte e carência de tudo, para convidar o “povo de Deus” a ter esperança e acreditar nesse Reino.

O texto de Lucas

Num ambiente como o descrito anteriormente é mais do que normal a ansiedade pelas coisas fundamentais para a sobrevivência e a solicitude pelo que pode acontecer no futuro. Os discípulos de Jesus, diante das necessidades das multidões, viviam sob esse impacto e crise generalizada. O que fazer?

Jesus propõe que o Reino de Deus é o caminho para essa crise. Ele não é mágico a ponto de imunizar seus seguidores dos problemas de uma sociedade injusta e apodrecida. Mas aponta um caminho, propõe uma saída, convida os ouvintes para uma nova prática.

Lucas coloca o texto (12.22-34) na parte em que descreve a caminhada de Jesus para Jerusalém. A cidade era o centro que legitimava muitas situações de injustiças. Jerusalém, aquela que rejeitou o Reino e matou o Filho que lhe fora enviado.

No texto há um claro convite para os discípulos não se preocuparem com o que comer ou beber (v.22). Para ilustrar isto Jesus lança mão de três pequenas “parábolas”:

O corvo (v.24)

O corvo era considerado um animal impuro (Lv 11.15). Deus cuida até de um animal impuro, quanto mais dos ouvintes do Reino de Deus!

Duração de vida (v.25)

Nem os ricos “insensatos” podiam com toda a sua riqueza aumentar um momento só a mais na sua existência. “Se os homens não podem fazer uma coisa tão pequena, então por que ficariam ansiosos acerca doutras coisas?” (L. Morris, *Lucas: Introdução e comentário*, p.201). Deus, que cuida do crescimento e do tempo de vida do ser humano, pode cuidar de todas as necessidades também.

As ervas do campo (v.26)

Refere-se a flores que são temporárias. Existem hoje, mas amanhã estarão secas no campo. “Estas flores não fabricam como os homens, mas Deus as veste com uma beleza com a qual nem sequer as vestes deslumbrantes de Salomão poderiam comparar-se” (L. Morris, *Lucas: Introdução e comentário*,

Somos desafiados a nos solidarizarmos com os outros, repartindo o pouco ou o muito que temos. Este é o segredo do Reino de Deus

p.202). Se Deus cuida das flores que desaparecem rapidamente, quanto mais cuidará do seu povo!

Estas ilustrações animam os discípulos e o povo a não terem ansiedade pela vida e buscarem em primeiro lugar, portanto, o Reino de Deus (v.31a). Fica claro que o texto está questionando a ansiedade irresponsável e egoísta que leva a pessoa a acumular, em detrimento dos outros — atitude que Jesus atribui aos “gentios”, isto é, os injustos, egoístas, avarentos, mundanos, malignos, etc.

A preocupação responsável é legítima. Que fique claro isto. Devemos lembrar que os corvos não são citados como exemplos de ociosidade ou preguiça, mas, sim, de falta de ansiedade.

Entendemos que o texto é dirigido aos discípulos que estão em missão e num tempo de crise e de carestia. A preocupação maior deveria ser o Reino de Deus, pois no exercício da missão teriam suas necessidades supridas (v.31b).

Podemos perguntar: De que forma isto pode acontecer? Milagrosamente? Num passe de mágica? O próprio evangelista responde: “Vendei vossos bens e dai esmola. Fazei bolsas que não fiquem velhas, um tesouro inesgotável nos céus, onde o ladrão não chega nem traça rói. Pois onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração” (vv.33-34). Isto nos aponta para a solidariedade, para a humildade, para o serviço, para o amor, etc. Podemos dizer que não existe mais lugar para a “ansiedade” pois o Reino de Deus criou a solidariedade que ajuda a eliminar as diferenças causadas por uma sociedade injusta. “A verdadeira liberdade nasce da aceitação do Reino como um dom que vem do Pai, e se torna o princípio de todas as decisões e de todos os atos (vv.31-34).

Uma vez que o coração está preso ao absoluto do Reino, torna-se livre para conhecer o que é relativo, e dá força para uma renúncia capaz de abandonar o que é perecível e orientar a vida para aquilo que não perece” (G. Gorgulho & A.F. Anderson, *O caminho da paz: Lucas*, p.160).

A moldura do texto está nos seguintes versículos: (a) Não vos preocupeis com a vida... (vv.22-23); (b) Vendei vossos bens e dai esmola... (vv.3-34).

Podemos resumir a mensagem deste texto na seguinte sentença: Não fiqueis preocupados com o que comer e vestir, pois os seguidores do Reino de Deus serão solidários como Deus é.

No meio da moldura estão as três parábolas de Jesus que mostram que Deus solidarizou-se com as ervas do campo, com as aves do céu e com o tempo de vida dos homens. Servem de motivação para o apelo e desafio que vêm na sequência do texto.

A mensagem para hoje

Vivemos num ambiente de crise social, política, econômica e ideológica, que têm provocado um número grande de

desempregados, menores abandonados, sem-terra, e outros. Muitos sofrem os mais variados problemas e necessidades. Por certo, o grau de ansiedade nestas circunstâncias é muito grande também.

Recebemos o desafio da tradição bíblica de superarmos tal situação de crise e desesperança acreditando no Reino de Deus e nos seus valores. A luta pelas coisas necessárias à sobrevivência não é “condenada” por Jesus, mas, sim, a ansiedade irresponsável. Para o povo de Deus em missão é importante a com-

Se Deus cuida das flores que desaparecem rapidamente, quanto mais cuidará do seu povo

preensão de que a vida é mais do que a comida e a vestimenta. A vida é o dom de Deus e o Reino de Deus veio para promover essa vida. “A verdadeira liberdade, ou o movimento para a vida autêntica, evita a falsa preocupação que determina toda a força vital para as coisas necessárias, mas relativas. Ser livre é ter capacidade de ser senhor dessas coisas, tendo uma hierarquia de valores a qual fornece critérios para o julgamento...” (G. Gorgulho e A.F. Anderson, *O caminho da paz: Lucas*, p.160).

Somos desafiados a nos solidarizarmos com os outros, repartindo o pouco ou o muito que temos. Este é o segredo do Reino de Deus, segredo evidenciado na multiplicação dos pães (Lc 9.10-17), quando alguém tinha cinco pães e dois peixes, o suficiente, pelo milagre da solidariedade e da multiplicação, para matar a fome da multidão que seguia Jesus.

O presente texto tem relevância para nós, hoje nos indica o caminho para o “não vos preocupeis com a vida, quanto ao...”. Assim, somos enviados em missão.

Josué Adam Lazier, pastor metodista em Curitiba/PR, é professor da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista (São Bernardo do Campo/SP).

Usando o nome de Deus em vão

Lília Azevedo e João Xerri

O assassinato de Yitzhak Rabin, fato terrível que todos lastimamos, foi tratado nos meios de comunicação de modo bastante superficial, com poucas análises das causas e da conjuntura que levaram ao crime. Houve mesmo quem comparasse Rabin a Gandhi, a Martin Luther King e até a Jesus.

Esse assassinato nos mostra primeiro que não existem "fanáticos" só entre os muçulmanos, idéia tão difundida que no atentado em Oklahoma, nos Estados Unidos, a primeira hipótese levantada foi a de que o responsável teria sido um "muçulmano fanático", de tal forma que foi detido, na Inglaterra, um muçulmano que acabava de sair dos Estados Unidos.

Para grande surpresa nossa, após a morte de Rabin foram noticiadas manifestações de judeus "fanáticos" nos Estados Unidos. Ficamos sabendo que também em Israel há grupos grandes, organizados, chamados pela imprensa de "fanáticos", "terroristas", dos quais nós não tínhamos a menor notícia. Yigal Amir, assassino de Rabin, pertence a um desses grupos e era até membro do serviço secreto israelense — considerado um dos melhores do mundo —, fato que lhe permitiu chegar bem perto de sua vítima.

Dois tipos de fundamentalismo

O "fanatismo" do qual falamos aqui nos parece estar ligado ao fenômeno do chamado fundamentalismo religioso. Uma primeira análise desse fenômeno nos leva a levantar a hipótese de que há dois tipos: o externo e o interno.

Quanto ao fundamentalismo externo, acreditamos que surge como resposta à dicotomia entre aquilo que a pessoa vive no seu cotidiano e aquilo que julga que deveria viver. Muitos judeus norte-americanos vivem segundo os padrões dessa sociedade consumista, materialista, mas sua fé os leva a sonhar com um estado judaico no qual se viva o judaísmo, a pureza das tradições. Tendo bastante dinheiro, sonham com uma vida segundo a mais pura ortodoxia e enviam grandes quantias para financiar tal sonho. O mesmo fenômeno se dá com irlandeses que vivem há gerações nos Estados Unidos: já deixaram de seguir seus costumes, mas financiam o Exército Revolucionário Irlandês (IRA).

Naturalmente, o argumento mais fácil para conseguir financiamento de fora, seja de judeus, de irlandeses, é o

religioso: as pessoas reagem à idéia de colaborar com a defesa e a expansão de sua religião, de sua identidade, de sua ideologia. Esse tipo de fundamentalismo está, portanto, ligado a uma determinada crise de identidade que exige que se garanta a realização do "ideal" em algum outro lugar.

Quanto ao fundamentalismo interno, alimenta-se da pobreza — como dizia recentemente Shimon Peres, a um grupo de judeus dos Estados Unidos — e da exclusão. A situação dos pobres tem piorado: onde encontrar esperança e a sensação de pertencer a um povo, a não ser numa observância estrita das práticas religiosas? É importante lembrar que o fundamentalista geralmente não é um alienado, mas um militante: a chave da revolução/transformação para ele não está na luta de classes, na ideologia, mas na religião. Isto nos faz lembrar o movimento dos fariseus. Julgavam que a queda do Império Romano viria pela observância estrita da Lei mosaica. A religião judaica, como a cristã e a islâmica, baseia-se em textos sagrados, o que pode levar a que se faça uma leitura ao pé da letra.

Manipulação do povo

Outra realidade quase nunca mencionada ou comentada é a manipulação de populações pelos governos, que as usam conforme seus desígnios do momento. O governo de Israel incentivou a ida de colonos para ocuparem a terra conquistada aos palestinos, defendendo-a de incursões destes, junto com o exército israelense. Ora, quem iria ocupar uma área encravada em território palestino, com risco iminente de conflitos, a não ser gente pobre e/ou pessoas de forte convicção "religiosa", de corte fundamentalista, dispostas a defender com a própria vida a "terra de Davi"... Alguns anos mais tarde, o mesmo governo, o mesmo general que conquistou essa terra e assentou os colonos, diz a eles que devem sair, porque o governo, interessado em conseguir a paz, vai devolver a terra aos palestinos, devido aos acordos feitos! Não é de se estranhar, pois, que o assassino de Rabin seja um desses colonos, cuja terra, pela qual foram levados a lutar e a derramar seu sangue, deveria ser agora desocupada e devolvida. E são 130 mil os colonos cuja situação só será discutida a partir de maio deste ano!

Fato semelhante ocorreu na África do Sul, onde o governo do *apartheid* deu as terras dos negros aos brancos e

recentemente inverteu a situação, reconhecendo os direitos de seus primeiros/legítimos donos. Situação explosiva que levou a conflitos sangrentos e que é propícia à formação de fanáticos. O paralelo é ainda mais válido se nos lembrarmos de que a motivação religiosa também foi fundamental para justificar a implantação do *apartheid*.

Apesar de tudo isso, as grandes manifestações do povo após o assassinato de Rabin mostram que a maioria da população israelense é favorável à paz com o povo palestino. No governo de

O fundamentalista geralmente não é um alienado, mas um militante: a chave da revolução/transformação para ele não está na luta de classes, na ideologia, mas na religião

Rabin havia um equilíbrio de forças entre "pombas" e "falcões". Como fruto desse movimento popular, no atual governo de Shimon Peres o grupo comprometido com a paz é a maioria. Anteriormente, os israelenses favoráveis à paz quase não se podiam manifestar, pois eram chamados de "amigos dos palestinos" e "traidores da fé judaica". Verificamos também que grande parte do povo palestino deseja a paz. Quando o exército judaico se retirou de Belém, onde existe uma grande prisão na qual inúmeros palestinos cumpriram longas penas, a população local, longe de hostilizar as tropas israelenses, chegou a

dar flores aos soldados... Essa atitude não condiz com a imagem que nos é transmitida, segundo a qual todo muçulmano/palestino é "fanático" e quer eliminar todos os judeus...

Se, de um lado, lamentamos profundamente a morte de Rabin — como a de todo o ser humano que é vitimado, seja pelas armas, seja pela fome, seja pela miséria —, de outro precisamos nos lembrar de que sua vida foi radicalmente diferente da de Gandhi e de Martin Luther King. Como dissemos, Rabin foi um grande general, um dos responsáveis pelas vitórias de Israel e pela ocupação dos territórios palestinos. Gandhi, ao contrário, desde sua conversão na África do Sul, sempre defendeu a não-violência, tanto que esta filosofia/teologia passou a ser a inspiração da luta pela libertação do povo, não só na Índia, como também no Congresso Nacional Africano e, nos Estados Unidos, foi a fé que norteou a luta do grande Martin Luther King.

Finalmente, um alerta para todos nós que temos um ministério pastoral: precisamos tomar grande cuidado ao usar o nome de Deus, para não fazê-lo "em vão"! Hoje, há grande número de pessoas que, desiludidas com os modelos econômicos e com as ideologias, estão buscando algo "novo". A proximidade do fim do milênio agrava essa situação. A fé pode facilmente ser uma resposta a essa busca. E tem enorme poder de mobilização, pois o faz em nome de Deus.

Lília Azevedo, tradutora, trabalha com o Grupo de Solidariedade São Domingos. **João Xerri**, frei dominicano, é membro da Justiça e Paz da Ordem do Cone Sul. Ambos são articulistas de "Rede", boletim da Rede de Cristãos das Classes Médias.

SEJA ASSINANTE DE TEMPO E PRESENÇA

e tenha em mãos uma publicação singular. São páginas que nestes mais de quinze anos se renovaram e se constituíram referência indispensável para todos os que se têm comprometido com a construção de uma realidade melhor. E se recusam a admitir silenciosos as imposições de uma democracia não-democrática, e de um mundo que não desejamos.

FAÇA AINDA HOJE SUA ASSINATURA, por apenas R\$ 15,00. Caso queira se tornar um assinante de apoio, envie-nos R\$ 20,00. Cheque ou vale postal para:

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço
A/C Setor de Distribuição
Rua Santo Amaro, 129 Glória
22211-230 Rio de Janeiro RJ
Tel. (021) 224-6713 Fax (021) 221-3016

Nem bispo, nem “Deus”

Carlos Alberto Rodrigues Alves

Opinião

*“Religião é o ópio do povo.” Karl Marx
“E se Deus negar como é que vai ficar, ó nega!” Chico Buarque*

Colocaram-me numa arapuca! Exigiram deste simples mortal, ser racional, contribuinte, cidadão brasileiro, que eu tomasse difícil decisão. Ou o Bispo, ou o “Deus”. Não vale escapar, disseram-me. Nem sair pela tangente. Você torce para o dono da Globo ou para o dono da Record.

Claro, a *enquête* veio a propósito da série *Decadência*, cujo Ibope deixou a desejar ante as várias outras grandes séries da Rede Globo. Por outro lado, com certeza a pergunta veio inspirada pela capa de uma das últimas *IstoÉ* que trouxe uma reportagem com a sugestiva manchete “Bispo enfrenta Deus”. É claro também que a questão a mim apresentada por encomenda, eivada de uma dicotomia grega a toda a prova, não leva em consideração que, na verdade, ninguém é totalmente mocinho, nem totalmente bandido. Na bonita figura de Glauber Rocha somos Deus e o diabo na terra do Sol.

Que faço eu diante do questionamento? “Pago ou repasso?” Que dúvida cruel!... Melhor seria se pudesse optar ou pelo Paraná Clube ou pelo Curitiba, eu que não torço para nenhum deles.

• Há decisões na vida que não exigem muitas elucubrações; Que gravata colocar? A que filme assistir? “Vou a pé ou vou de trem”? Outras decisões já são mais difíceis: Será que caso novamente? Com quem? Estou grávida, e agora, que faço?

Exigiram-me, que sem muito filosofar, assumisse o partido do Bispo ou do “Deus” (apelido do dono da Globo). Até apresentaram justificativas acadêmico-vocacionais. Você, além de outras coisas, é líder religioso, como você se posiciona diante de sua confraria?

Fui obrigado a aceitar o desafio. Mas isto o fiz, não sem antes evocar a frase de um ex-futuro-presidente-meu: “Estou entre o diabo e o coisa-ruim”. Sim, porque não me deram a chance de despolarizar os dois lados da questão.

Se tivesse que votar, tamparia o nariz e votaria no Bispo. Não porque o ache melhor que o “Deus”. Nem “menos-pior”. É que já estamos cansados de saber o que o “Deus” fez durante os últimos trinta anos: as marchas das famílias com Deus pela liberdade; o apoio às botas pesadas marchando e manchando as ruas; o forjado milagre que resultou na venda do sagrado chão brasileiro. Sabemos também como se pode, pelas sacrossantas-mentiras-das-oito-da-noite, criar salvadores da pátria, fazer dos telespectadores massa de manobra, eleger “collarinhos” engomados e rostos “colloridos”. Enfim, já conhecemos muito do megalomaníaco império cristalizador da presente ordem que cultua o senhor das

águas, das terras e dos ares como o grande cidadão Kane dos últimos tempos.

Voto no pastor da Igreja da Divina Chama. Não que ele seja o redentor da humanidade. Não é isso! É que esse milagreiro, curandeiro, charlatão, exorcista, e seja lá o que for, tem ao menos aliviado as dores do povo desvalido, descamisado, desgraçado, des...

Não! Pelo amor do verdadeiro Deus, me entendam! Não estou fazendo apologia desse iluminado. Lembrem-se de que eu fui sinucado e tive que responder: Ou este ou aquele! Não nutro simpatias nem por este nem por aquele imperador. Minha formação teológica e filosófica não me possibilita simpatizar-me com *showmen* sensacionalistas fabricadores de portentos. O Cristo do Evangelho, vejo-o como o eterno caminho dos homens e mulheres de boa vontade. Quando quiseram fazer dele um milagreiro político-econômico ele preferiu ser solidário com os mortais ensinando a humanidade que o segredo da vida é ser demasiadamente humano. “Nem só de pão vive o homem...” “Basta a cada dia o seu mal...” “Ama o teu próximo como a ti mesmo”...

Minhas peregrinações por diferentes paisagens desta nossa pátria maltrapilha e maltratada me ensinaram que a verdadeira fé nasce no meio de um povo que grita na praça por liberdade... num barraco onde as velas se acendem para se aprender o bê-a-bá... numa roda de samba onde se celebra a esperança de dias melhores...

Não sou da Igreja do Bispo! Mas entre ele e o “Deus” voto momentaneamente, e só momentaneamente por motivos do tipo “Você-decide”, no Bispo. As “sacolinhas” do Bispo são mais transparentes que as sacolinhas do “Deus” (na verdade ambas sacolões!). As pílulas anestésicas do Bispo têm um pouco mais de durabilidade que as do outro anestesista. As favelas são visitadas melhor por vendedores de mobília nos céus que por galãs e modelos globais.

É por isso que ao “Deus” eu suplico: Deixe o bispo em paz! Afinal, este é filho daquele...

Meus entrevistadores, agora também peço licença para sair da sinuca. Dada a minha sentença diletantista, permitam-me que professe minha fé na vida e minha crença em dias melhores, pão para todos, pedaço de terra para se plantar e para se viver. Este projeto é do Evangelho e cabe aos compromissados com ele lutar por um mundo onde todos sejam iguais. Por isso, diante dos dois protagonistas expostos nesta tela eu reafirmo minha convicção: Nem o Bispo nem o “Deus”.

Carlos Alberto Rodrigues Alves é musicista e pastor presbiteriano.